

Inteligência artificial na saúde pública e privada é possível?

As teorias e a sustentação tecnológica da inteligência artificial (IA) vêm sendo desenvolvidas nos últimos 70 anos por cientistas computacionais como *Alan Turing*, *Marvin Minsky* e *John McCarthy*, e igualmente, pelo professor *John Atkinson* da Universidade do Chile, como seus principais incentivadores.

Nos dias atuais, a IA é aplicada por diversas áreas do conhecimento científico e tecnológico, tais como: ciência da computação, ciências econômicas, saúde humana e animal, assim como pelos setores de perfumaria, química, automotivo, telefonia celular e o próprio setor público. De forma mais simples e não perceptível, a IA está no cotidiano dos indivíduos com a utilização de ferramentas e tecnologias que simulam o pensamento humano, capazes de dar respostas baseadas em um conjunto de informações disponíveis na rede mundial de computadores.

Diante disso, percebe-se que a inteligência artificial tem sido um assunto relevante nos últimos anos, no entanto, ainda há poucos trabalhos que discutem essa temática com mais afinco e em campos diversos. De fato, nota-se ainda, um distanciamento dessa temática em alguns campos de aplicação, a exemplo da saúde pública e privada.

Consulta à literatura científica revela que, universalmente, os governos estão adotando a IA e utilizando seus serviços, colocando em operação rotinas simples como os *chatbots* que ajudam a esclarecer as dúvidas mais frequentes dos cidadãos, liberando seus funcionários para atender às demandas mais complexas. Especificamente na Carolina do Norte, 90% dos chamados nas linhas de atendimento do Governo eram feitas perguntas e dúvidas de baixa complexidade, entretanto, com o uso da IA, passou-se a gerar as respostas por *chatbots*. No Brasil constata-se uma grande demanda dessa tecnologia capaz de afastar os profissionais de saúde da atuação em serviços de *call center* da SAMU, e, até mesmo, dos serviços de regulação médica, levando-os a atender, profissionalmente, cidadãos em postos de saúde, reduzindo assim, a superlotação, o que assegura melhor atendimento ao público.

A IA possibilita ainda a fiscalização de contratos e convênios, assim como de recursos repassados entre entes governamentais e não governamentais, dando uma maior celeridade a fiscalização dos recursos públicos evitando o desvio de verbas destinadas, exclusivamente, à saúde.

Seguindo essas iniciativas, no Brasil se destacam projetos na área de saúde pública desenvolvidos por pesquisadores da USP que utilizam a tecnologia de IA para identificar quais pacientes admitidos em um centro médico durante um surto de dengue, *zika* ou *chikungunya*, têm maior probabilidade de ter uma das três patologias.

Outras iniciativas são usadas com base em bancos de dados no cruzamento de informações de diversos pacientes, identificando diagnósticos fundamentados em cruzamentos de informações relacionais e não relacionais. Nesse sentido, observa-se que as máquinas assumem comportamentos de humanos ao analisar informações individuais de pacientes, associando os possíveis diagnósticos às causas. Para tanto, é feito o uso de dados cadastrados por profissionais de saúde procedentes de milhares de pacientes.

Tal constatação gera estranheza e, até mesmo, é capaz de causar espanto, pois em se tratando de saúde, a integridade do usuário é a maior preocupação do serviço, seguida da rapidez no atendimento com diagnósticos e procedimentos adequados a cada pessoa. Dentre outros, estes fatores devem ser analisados, uma vez que passam pelo escopo e pelas concepções de ética profissional exigidas aos médicos.

Tanto na saúde pública quanto na privada, as iniciativas de uso da IA já se tornam realidade, contudo, observa-se na iniciativa privada um maior aproveitamento de suas ferramentas, seja pela facilidade de acesso, pela menor burocratização, pela necessidade de se modernizar e ser mais eficiente e competitiva no mercado. O uso dessas tecnologias possibilita maior profissionalismo e eficácia dos serviços ofertados, resultando em redução de capital humano, excelência de diagnóstico e maior rentabilidade financeira.

Nesse contexto, fica evidente o quanto a IA é plenamente aplicável a área de saúde, porém ainda não são amplamente discutidas e divulgadas as formas que suas tecnologias foram desenvolvidas a serviço da sociedade. Portando, não se pode permitir que as soluções sejam pensadas para o cidadão sem que ele próprio participe dessa concepção de melhoria. Não é possível se pensar a inovação em saúde em que a tecnologia não esteja alinhada à acessibilidade, à existência de limitação das camadas sociais e do uso de ferramentas informatizadas, entre outros.

Outros críticos apresentam argumentos que apontam as grandes plataformas tecnológicas para uso de IA, atualmente concentradas nas mãos de um monopólio de empresas, se configurando num perigo à segurança nacional, principalmente, em relação às informações públicas de milhares de cidadãos cadastrados em bancos de dados nos mais diversos segmentos da iniciativa pública.

Mais do que pensar, apenas, nas iniciativas de curto prazo, faz-se necessário criar estratégias de políticas públicas de saúde de longo prazo que permitam o uso de ferramentas de IA, atreladas ao processo democrático participativo em prol do bem-estar social, além de permitir que a iniciativa privada use metodologias tecnológicas que não coloquem em risco a vida e a integridade das pessoas.

Hermes Oliveira Gomes
Administrador,
Bacharel em Ciências Contábeis,
Especialista em Gestão Pública